

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. o n.º	N.º à entrega	37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1269	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$050	\$120	30 de Março de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		



GENERAL JOAQUIM JOSÉ MACHADO
 NOVO GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

CRONICA OCCIDENTAL

Esboça-se, mais energicamente, um movimento de reacção contra a influencia desvirtuadora, aberrativa, nefasta, que as estranhas têm exercido sobre os modos e indole da nossa nacionalidade.

Nós somos aqueles que se perderam a si-propios. Apagou-se no horisonte a nossa estrella guiadora. Esquecemos a noção do proprio valôr. Corre-nos pelas veias sangue de escravos. Não temos coragem moral. Falta-nos energia de espirito. Diluem-se no ambiente gazes de asfixia. Um veneno subtilissimo insinúa-se, estremunha-nos de sobresalto, prosta-nos e enerva-nos em desalento.

Perdemos a noção do proprio valôr. Transviados no tempo, mordidos de poeira, deslumbrados pelos oiropéis magnificos das estranhas—habitua-mo-nos a olhar com desdem e riso alvar para os nossos andraxes de fidalgos arruinados e nem sequer nos admiramos de que as potencias não viessem ainda ao nosso encontro para nos utilizarem com dignidade. Será o nosso espadim velho que lhes imponha respeito? Não. Esse — já nós o dependurámos, sem proveito, num prégio de velha penhorista. Faltam-nos aspeito e impassibilidade de criados modernos — e sobretudo carnes bem almofadadas para revestimento condigno de librés. Os estrangeiros olham para nós com o desprezo e compaixão que merecem sempre os velhos maniacos caídos na segunda infancia. Nós somos, como Vanutelli diremos, um povo bem extraordinario. Ha séculos que andamos com tenacidade empenhados na nossa propria ruina e ainda não conseguimos arruinar-nos por completo. Assim como assim, a nossa nacionalidade reduz-se a uma casa de ferros-velhos. Reconheçamos nos factos a sua realidade irrefragavel. Em verdade — é assim.

Para o nosso mal, se ha remedio possivel, apliquemol-o com firmeza.

Coordenemos inteligentemente os vestigios do passado. Olhemol com lucidês e simplicidade a curva sinuosissima que a nossa nacionalidade percorreu tempo em fóra. Investiguemol dos seus desvios, dos seus erros, das influencias aberrativas que num determinado momento actuaram nela e forçaram-na a perder-se fóra da linha fundamental da sua indole primitiva. Saibamos precisamente de quando fóra quebrada a tradição e estilizado o traço caracteristico de exotismo extravagante.

Reintegremos em si-propria a nacionalidade. Abandonemol-a á corrente da sua civilização. Acomodemol-a á marcha do seu progresso.

Para nós, progresso não tem a significação ingenua que Pelletan lhe dava. Progresso é a conformação da sociedade ás solicitações geraes da época. Dahi não virá, talvez, grande melhoria de situações. A vida não atinge a felicidade. A humanidade não caminha decididamente para a *libre-entente*. Uma sociedade tem por suprema razão a sua propria existencia. A condição imprescindivel da sua existencia — é o equilibrio. Ora, este equilibrio resulta dos principios de conservação e progresso. Conservação, numa nacionalidade, quer dizer manutenção da tradição.

Nacionalidade sem progresso é mola que de ferrugem se inutilisa. Nacionalidade sem tradição é engrenagem que gira fóra do seu eixo.

Assim, cumpre-nos, pois manter incorruptivel a tradição da nossa nacionalidade. Será esta a condição unica de equilibrio e autonomia.

Agora, esboça-se, mais energicamente, um movimento de reacção contra a influencia desvirtuadora, nefasta, que as estranhas têm exercido sobre os modos e indole da nacionalidade portugueza — dissemos. E' certo. Ha muito tempo que, ao de leve, se deliniam, neste sentido, gestos de acção. Ha muito tempo que se faz sentir urgentissima a necessidade de haurir no veio do tradicionalismo, para retemperal-a e refortalecêl-a, a energia da nossa actividade. Sómènte, neste momento, esta corrente-de-ideias recupera consciencia, alastra por todos os campos e tende a tornar-se praticamente efectiva.

Na literatura, a inspiração recorre ás fontes originarias, palheta-se de oiro primitivo, e retoma a simpleza antiga dos seus motivos e temas. A historia literaria indicar-nos-á o momento que nos contaminou de virus cosmopolita. A doença será atalhada em breve e o cauterio exercerá com firmeza o seu mister. Em politica, verificar-se-á com evidencia o facto, logo que as circunstancias de momento facilitem *essor* e expansão.

Por todos estes motivos, merece-nos aplauso caloroso o tentame que significa a abertura, no Museu de Archeologia, da *Exposição Olissiponense*, organizada criteriosamente por José Queiroz e Gustavo de Mattos Sequeira. Christino da Silva dirigiu uma pequena secção, exhibida com metodo e carinho, de curiosidades antigas, folhinhas, calendarios, cartas-de-jogar, etc., que despertam sorrisos de graça e encanto.

José Queiroz — autôr apreciado da *Ceramica Portuguesa e Olarias do Monte-Sinay*, livros preciosos, aos quaes nos referimos, como de justiça, nesta Revista — é um dos mais acreditados conhecedores do seu assunto de predilecção. A secção de faianças que tomou a cargo organizar, é excellentemente disposta, sabia, elegante, tocada de requintes. O visitante, por mais remotamente profano, queda, de subito, maravilhado. As policromias aliciam o nosso olhar de sedução. Em atitudes de bom-gosto, surgem á nossa atenção, gomis, golfinhos, jarras, urnas, azulejos, escudelas, loiças varias da Fabrica do Rato.

Gustavo de Mattos Sequeira apresenta-nos uma colecção preciosissima de bibliografia — exemplares que assumem uma rara importancia em historia e archeologia.

Etc., Etc., Etc....

Se deixassemol guiar a pena a bel-prazer da nossa imaginação, diriamol quanto de beleza e nostalgia nos sugeriu uma rapida digressão pelas salas desta *Exposição* magnifica.

Ocasião e espaço falta-nos desoladamente.

Alguem, em minucia, falará do muito e mais que ela, por certo, merece.

ANTONIO COBEIRA.

General Joaquim José Machado

O governo da Republica propondo ao parlamento para governador da provincia de Moçambique o general de engenharia sr. Joaquim José Machado, obteve aprovação unanime, sem que uma só voz se levantasse a discutir a nomeação.

O novo governador de Moçambique impõe-se pelo seu proprio valor, comprovado nas importantes comissões que, vai em quarenta anos, lhe tem sido confiadas no ultramar e de que sempre se desempenhou acima de todo o elogio.

Principiando pela expedição de obras publicas a Moçambique, de 1876, enviada por Andrade Corvo, em que logo revelou os superiores recursos da sua inteligencia, valendo-lhe portarias de louvor dos governos da provincia e da metropole, seguem-se os trabalhos de estudo do caminho de ferro de Lourenço Marques á fronteira de Pretoria, vencendo as maiores dificuldades, para o que empregou não só muita ciencia, mas grande energia. O nome do illustre engenheiro tornou-se desde então conhecido e respeitado em toda a Africa Oriental e ainda mais entre os inglezes que, com justiça, reconheceram o seu notavel valor.

As conferencias do sr. Machado realisadas, em dezembro de 1880, na Sociedade de Geographia de Lisboa, ficaram memoraveis pelas importantes communicações que fez sobre a provincia de Moçambique, indicando as medidas necessarias para o desenvolvimento daquela provincia. Versando este assunto encontra-se, publicado pela dita Sociedade, um opusculo sob o titulo: *O caminho de ferro de Lourenço Marques, Parecer da comissão africana e informação apresentada pelo vogal da Comissão Joaquim José Machado*.

Naquele ano de 1880 desempenhou uma comissão em Bolama, sendo depois encarregado de propor reformas financeiras das provincias de Angola e de Moçambique.

Em 1886 nomeado inspector das obras publicas do Ultramar e director da fiscalização do caminho de ferro de Ambaca. Dirigiu tambem, por algum tempo, o caminho de ferro de Lourenço Marques, e fez os estudos do caminho de ferro de Mossamedes.

Outras comissões importantes lhe foram confiadas: a demarcação da fronteira portugueza entre Lourenço Marques e o Transvaal, e a de governador de Moçambique, em 1891.

Depois disto foi governador do territorio da Companhia de Moçambique, cargo que deixou em 1897, para ser nomeado governador da India, que se encontrava em grande desordem. A sua acção neste governo foi proficua, conseguindo pacificar aquele Estado.

E' ainda o sr. Machado que vae a Macau resolver a questão de limites levantada pela China, ficando bem determinados os nossos dominios naquela possessão.

Ultimamente desempenhava o cargo de director do caminho de ferro de Benguela ao Lobito, onde ia varias vezes.

A simples e rapida recordação destes factos dispensa toda a retorica elogiosa a respeito do illustre funcionario, que, neste momento dificil, vae desempenhar tão ardua comissão na importante colonia de Moçambique.



Madona da corôa de espinhos
Da coleção Moreira Freire

Lagrimas



VI-TE... E uma dôr continua em toda a parte
Me impele e me enceguece, rude e firme...
Mas se não canso de seguir-te e amar-te
Ainda não cansaste de fugir-me.

Virgem! Suspende... e vem, a sós, comigo,
E olha-me e sorri sem que te anojes...
E tem pena de mim que assim te sigo,
E tem pena de ti que assim me foges.

Ajoelhemos no templo do Infinito,
E sejam puro incenso as nossas resas
De amôr contraditorio e interdito,

Juntemos nossa magoa e nosso pranto...
Chore eu por ti que tanto me desprezas...
E tu chora por mim que te amo tanto!

Janeiro de 1912.

Antonio Lobato

PELO MUNDO FÓRA

Paris, o centro da Europa, foi abalado no dia 16 pela mais emocionante noticia, que depressa correu mundo, produzindo uma sensação de horror e de espanto que ainda se não desvaneceu. Um crime politico, que a França não presenciava desde o attentado contra Carnot, foi naquella dia commettido por uma dama franceza e elegante, a mulher d'um estadista dos mais cotados, o actual ministro das finanças do gabinete *Gaston Doumergue!* O telegrapho annunciou ao orbe estas tragicas palavras: *Madame Caillaux, esposa do ministro das finanças, matou a tiros de revolver o director do jornal «Le Figaro», sr. Gaston Calmette.* Vejamos em resumo a successão dos factos.

A ascensão ao poder do ministerio Doumergue, constituído por elementos avançados, levantou viva opposição por parte de alguns agrupamentos politicos, que viam nesse ministerio homens que-haviam provocado a queda da situação *Barthon*, e se assignalaram na guerra á lei dos tres annos, objecto de acaloradas pugnas parlamentares e jornalisticas.

O actual ministro das finanças defendia propositos de fazer onerar a renda franceza, e outras medidas antipathicas para a classe media.

Gaston Calmette, jornalista de talento e de alta reputação em toda a França, iniciou vigorosa campanha contra o sr. *Joseph Caillaux*, o ousado ministro das finanças, campanha que, como era de esperar, emocionou a opinião publica.

Começou o fogo por uma questão conhecida pelo nome de *herança Prieu*, um francês que fallecera no Brazil ha uns trinta annos e que deixara enorme fortuna, hoje na posse do Estado, mas que os herdeiros pretendiam receber, mediante negociações em que — di-lo o *Figaro* — entrava o sr. Caillaux, a troco de uma elevada commissão que reverteria a fávôr do cofre do partido radical.

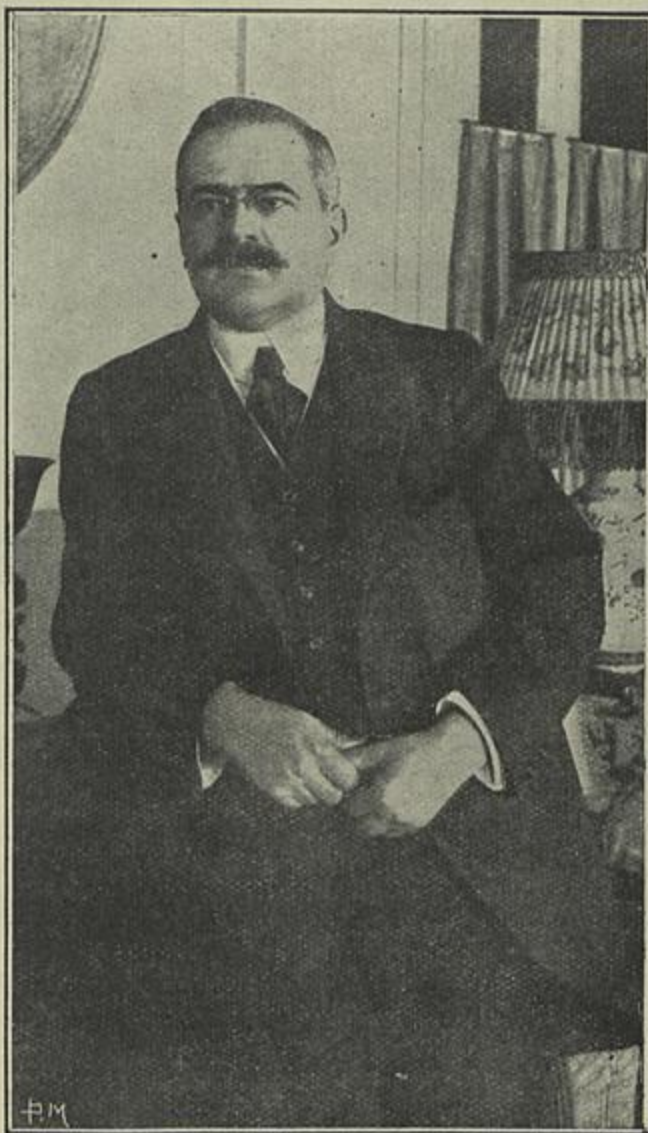
O sr. Caillaux oppoz o mais formal desmentido; mas o *Figaro* redobrou na sua energia, adduzindo varias cartas comprovativas da veracidade das suas affirmações. O duelo foi medonho. A campanha do *Figaro* abrangeu tambem outros membros do gabinete, particularmente o ministro da marinha sr. *Monis*, accusando-o de que a *celebre questão de Agadir com a Alemanha* fora o resultado do abandono das negociações relativas ao duplo *consortium* franco-allemao, da responsabilidade especial do ultimo politico, que então tinha a chefia do gabinete.

Em 12 do corrente o *Figaro* publicou uma carta em que o sr. Caillaux, contava como alcançára grande exito na camara *esmagando o imposto sobre o rendimento com o ar de o defender.* Veio á discussão o caso do famoso banqueiro *Rochette*, accusado de roubo na liquidação dos bens das congregações religiosas, accusando os srs. Caillaux e *Monis* de, em Março de 1911, terem exercido pressão no Procurador Geral da Republica, sr. *Victor Fabre*, para que fosse adiado o julgamento do *escroc.*

O deputado *Delahaye* levantou na camara o assumpto apresentando uma pro-

posta para que a primeira casa do Parlamento conhecesse toda a verdade sobre as accusações de *prevaricação, excessos de poder ou venalidade dirigido contra os membros do governo*, convidando os ministros da marinha (*Monis*) e das finanças (*Caillaux*) a perseguirem os seus accusadores, e o governo a dar todas as justificações que eram devidas.

O chefe do governo declarou que o ministerio respondia solidariamente por



M. GASTON CALMETTE
REDACTOR-GERENTE DO «FIGARO»,
VITIMA DO ATENTADO DE M.^{NE} CAILLAUX

todos os seus actos, mas que não se prestaria a manobras tendentes a desacreditar os ministros, cujo unico acto censuravel seria o defender as reformas democraticas que todo o paiz aguardava. A attitude do governo obteve grande approvação pela camara.

Inesperadamente surge a figura de *Madame Caillaux* que tranquillamente, ao cahir da tarde do dia 16, se dirige á redacção do grande jornal *Figaro*, procurando o sr. *Gaston Calmette*. Este conferenciava com *Paul Bourget*, e *madame Caillaux* esperava a sua vez na sala de espera, sentada por baixo do retrato do rei da Grecia, assassinado ha um anno, acariciando debaixo do regalo o *revolver* com que ia pôr termo á vida d'um cidadão que tão nobre e arrojadamente levantava uma campanha que só os tribunales, o Parlamento e a Nação haviam de resolver.

Calmette dirige-se affavelmente á nova *Corday* que o recebe com seis tiros de revolver, conservando-se impassivel e se-

rena apoz a consummação de tão assombroso crime. Ferido de morte, pois fôra attingido no ventre e no peito, *Calmette* tem ainda um clarão de entendimento. Entrega as chaves e a carteira aos seus collaboradores, dizendo-lhes o ultimo adeus!

Cá fôra a multidão clama vingança, e, entretanto, a heroína, friamente, pausadamente, diz: *chamo-me Henriette Raïounard, divorciada de Leo Claretie e casada com Caillaux, ministro das finanças.*

Pouco antes havia dito: *Fá não ha justiça; só o revolver poderá impedir a campanha.* Assim se expressava ella perante o sr. *Moniz*, presidente do tribunal civil do Sena.

Nesse acto de verdadeira loucura politica, a esposa do sr. Caillaux desculpa-se dizendo que pretendia vingar a honra de seu marido, ultrajada pela publicação de cartas em que affinal, segundo o declara o *Figaro*, sómente se visava o ministro e o homem politico.

O seu feito pois, em vez de liquidar, pelo contrario aggravou a melindrosa questão da mais alta moralidade, comprometendo toda a vida politica do sr. Caillaux, que se viu forçado a pedir a demissão.

A sessão da camara do dia 17 fica memoravel, porque na tribuna se leu o penoso relatorio do procurador geral *Fabre*, cuja publicação havia sido promettida por *Calmette*, mas cuja existencia era negada.

Foi *Luis Barthou* que apresentou esse documento, em que se regista a pressão exercida sobre *Fabre* por *Monis*, presidente do conselho, a pedido de Caillaux, para se obter o adiamento da questão *Rochette*. Nessa mesma sessão se leu uma carta do deputado *Thalarnas* á esposa de Caillaux, exaltando-lhe a façanha.

Os oradores parlamentares, transformados em accusadores, evocaram a visão sangrenta, e votaram a prorogação dos poderes da antiga commissão de inquerito do caso *Rochette*, sob a presidencia de *Faurès*, que a cercou de poderes judiarios de tal ordem que a transformaram num verdadeiro *comité* de salvação publica.

E' que, como disse o jornal *Le Matin*, *na partida jogada naquella dia tragico, não se tratava apenas da vida d'um homem, mas sim da sinceridade dos magistrados, da honra dos ministros, do futuro das proprias instituições.*

O jornal *L'Action Française* incitou a propaganda contra a Republica. Os *camelots du roi*, gritaram *Viva a Monarquia— Abaixo a Republica.*

Houve muitas prisões, e morras a Caillaux.

O sr. *Monis*, ministro da marinha tambem se demittiu.

O *Figaro* disse, no numero do dia 17, tratando do assassinato do seu director:

Cahiú com valentia, na lucta mais leal e ousada a que um jornalista votou a sua bravura e talento. Quando o levaram, mortalmente ferido, da casa em que desde ha trinta annos dava exemplo do trabalho quotidiano com a satisfação do dever cumprido com firmeza, teve ainda um resto de energia para pronunciar estas ultimas palavras que jamais esqueceremos e que



M.^{ME} CAILLAUX, AUTÓRA DO ATENTADO
CONTRA A VIDA DE M. CALMETTE

exprimem bem a sua alma: *Digam que não quiz fazer mal a ninguém, mas apenas cumprir o meu dever.*

Gaston Calmette morreu pois no seu posto, corajosamente, posto que conquistou pelo seu grande merito, reconhecido pelo rei Humberto, de Italia, quando em 1894 deferiu o requerimento em que o brilhante jornalista lhe pediu a liberdade do capitão francês *Romani*, condemnado pelos tribunales italianos como espião.

Em Novembro de 1902, por ocasião da viagem do rei D. Carlos a Paris, a redacção do *Figaro*, tendo á frente o sr. Calmette, offereceu-lhe uma *matinée* artistica a que assistiram, além da *princesa Eulalia* e do principe *Roland Bonaparte*, quasi todo o corpo diplomatico e as pessoas mais distinctas da colonia portugueza.

O facto emocionante que ora registamos, constitue um doloroso symptoma da perturbação politica e social da França, cuja situação mundial attrae as atenções de todos, que deploram o grave acontecimento, esperando que aquella illustre nação readquirira o prestigio e a força que tão necessarias são á estabilidade europeia.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



M. CAILLAUX,

MINISTRO DAS FINANÇAS DO GOVERNO FRANCÊS

O PARQUE EDUARDO VII

E' este, no actual momento, um assunto palpitante que interessa a nossa capital, quer se encaré pelo lado estetico, como um dos maiores embelesamentos de Lisboa, quer pelo lado economico, pelos resultados que ele trará para esta cidade que, com fundado direito, se propõe a atrair o turismo, não lhe bastando só a sua excelente colocação geografica, a amenidade do clima e as belesas naturaes do pais, mas fazer realçar essas belesas por meio de obras de arte e esta, do Parque Eduardo VII, é das que não se encontram facilmente pela Europa, se se atender aos vastos e lindos horisontes que dele se pódem gosar, nesta linda cidade das sete colinas.

Façamos rapidamente a historia deste Parque, que tem sido, porventura, o sonho dourado de varias vereações municipaes, sem contudo o poderem realisar.

Data de 1887 a ideia de fazer um parque no extremo da Avenida da Liberdade a entestar com a Rotunda, ou Praça Marquês de Pombal, como remate condigno á grande e maior arteria que hoje tem Lisboa.

Para o efeito abriu a Camara, naquele ano, um concurso internacional, no qual foram classificados pelo respétivo juri tres projectos, conferindo o primeiro premio a Mr. Henry Lusseau, o segundo a Mr. Henry Duchêne, e o terceiro a Mr. Eugene Deny, além de tres menções honrosas a mais tres projectos.

Escolhido pela camara para ser executado o primeiro projecto premiado, mandou a mesma elaborar o orçamento pela respectiva repartição, elevando-se este a 817:640\$000 réis não incluindo edificações especiaes e expropriações ainda a fazer.

Concedia então a camara aos proprietarios dos terrenos a expropriar a preferencia na execução destas obras, mas nenhum aceitou a concessão, ficando a mesma camara livre para as fazer por conta propria ou adjudical-as a quem melhor conviesse.

Passados 5 anos depois disto, em 1895, recebeu a camara uma proposta de Mr. Henry Lusseau, a camara uma proposta de Mr. Henry Lusseau, para lhe ser autor do primeiro projecto premiado, para lhe ser adjudicada a construção do parque, realisando com o proponente um contrato provisorio, em 7 de fevereiro daquele ano. Este contrato, porém, não se efectivou, ficando tudo no mesmo estado.

Se bem que o projecto de Mr. Lusseau era de um notavel merecimento artistico, reconheceu-se que a sua execução demandava despesas superiores aos recursos que a camara podia dispôr para ele. Nestas circunstancias resolveu a ca-

mara que se fizesse um novo projecto que, sem prejuizo das condições esteticas se acomodasse ás economicas.

De facto na 2.^a repartição da camara foi elaborado, pelo sr. Fernando Silva, um projecto que mereceu a aprovação, reduzindo o custo das obras a 380:100\$000 réis, e com as condições esteticas desejaveis.

Este projecto, porém, não teve ainda execução porque dependendo a camara da aprovação do governo para o pôr em pratica, este só a concedia com a condição da camara crear receita propria a isso destinada.

Dificilmente a camara podia crear aquela receita e difficilmente as obras podiam avançar.

Chegou o ano de 1903 em que Lisboa teve a alta honra de receber a visita do Rei Eduardo VII de Inglaterra, e a Camara Municipal querendo comemorar a visita do grande monarca com um monumento, resolveu dar ao projetado parque, até ali denominado da Liberdade, o nome de Eduardo VII.

Este prestigioso nome deveria ser a melhor égide sob que progredissem as obras do parque até sua conclusão, mas a falta de recursos não o permitiram.

Em setembro de 1910 o notavel arquiteto sr. Ventura Terra, então vereador da camara, apresentou um novo projecto, que parecia remediar o inconveniente da falta de receita, pois que dispondo nesse projecto de uma faixa de terreno de 30 metros de largura em volta do parque, para ser vendido para edificações particulares em condições de estetica aceitaveis, o produto dessa venda cobria bem as despesas da construção do parque.

Dos 122 talhões em que o dito terreno foi dividido, apenas se vendeu um até fins de 1913 e sem esperanças de tão cedo mais se venderem.

Foi nestas circunstancias que a actual camara encontrou a questão do Parque Eduardo VII, ao tomar posse do seu mandato.

Animada da melhor vontade a nova camara de Lisboa elaborou uma proposta para a execução do Parque Eduardo VII, a qual foi apresentada em sessão extraordinaria de 11 deste mez, pelo presidente da comissão executiva sr. dr. Levy Marques da Costa.

Do extracto da proposta vê-se o seguinte: Em presença dos inconvenientes que até aqui tem impedido de levar á execução o ultimo projecto do parque, o sr. dr. Levy é de parecer que

se volte á construção do parque, segundo o projecto elaborado pela 2.^a repartição, cujo orçamento é de 380:100\$000 réis.

Demonstrou que este orçamento será consideravelmente reduzido a 286:293\$700 réis pela circumstancia dos trabalhos já executados, redução no volume de escavações a fazer e maior economia na remoção de terras por meios que hoje se facilitam mais e melhor estudados, havendo tambem grande economia na plantação do Parque, que será feita pelo pessoal da camara dentro do orçamento ordinario da mesma.

Egual economia pervalece para os vegetaes a plantar que virão dos viveiros da camara, custeando esta, dentro do seu orçamento, o custo daqueles que precisar adquirir de fóra.

Além disto a conclusão do Parque virá valorisar mais os terrenos circunvisinhos que pertencem á camara, que vendendo-os obterá quasi a receita precisa para as obras do mesmo Parque, esperando ainda tirar apreciavel receita da exploração de materiaes de construção que se encontram nos terrenos, como pedra calcarea, basalto, barro, areia, saibro, etc.

O sr. dr. Levy Marques da Costa conclue por declarar que: tendo o parecer favoravel e unanime das commissões dos jardins e cemiterios e da de estetica, propunha á camara que revalidasse a aprovação do referido projecto, apresentado em sessão de 21 de dezembro de 1899.

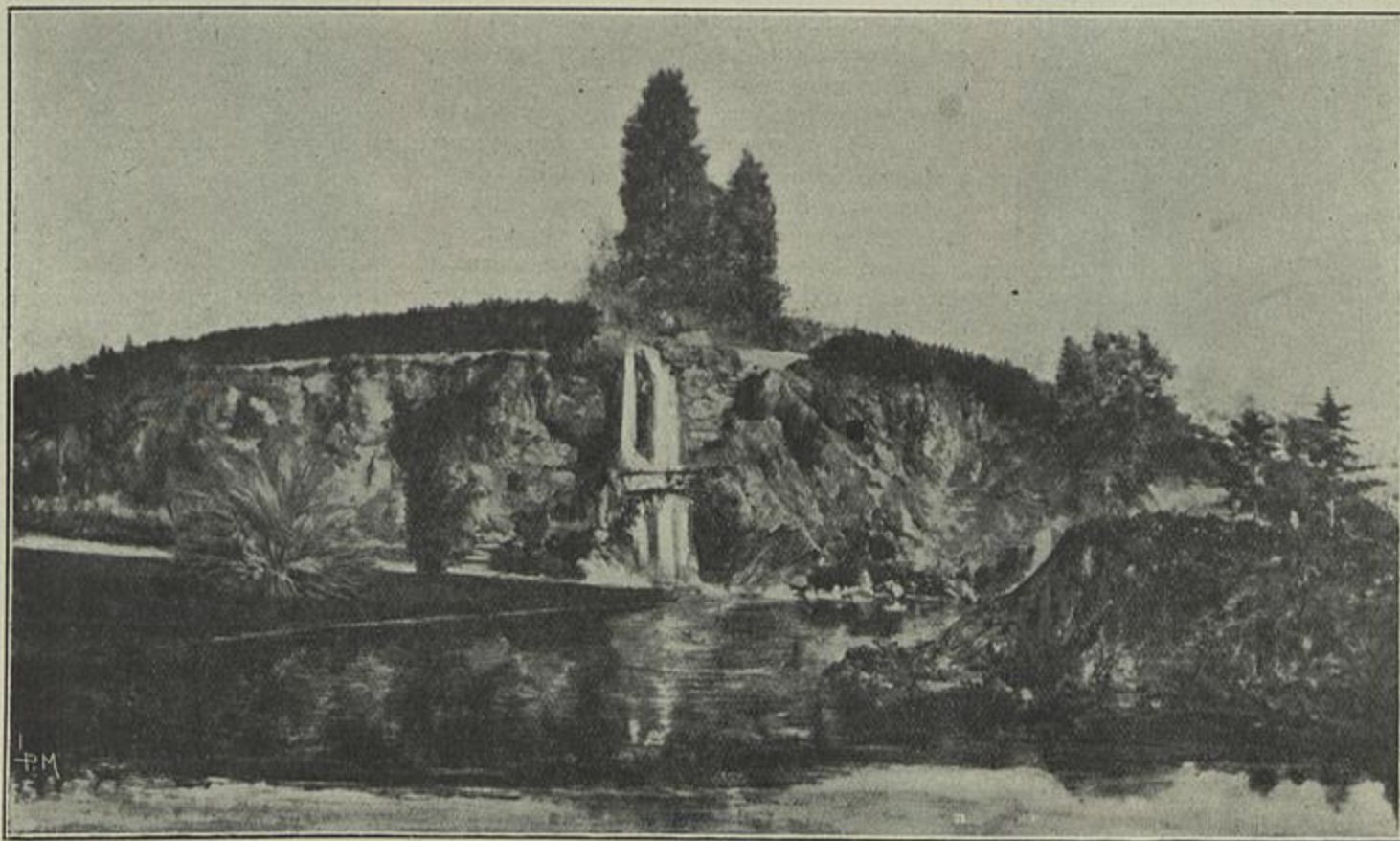
A proposta do sr. dr. Levy Marques da Costa foi discutida, lendo-se todos os pareceres das commissões favoraveis ao projecto, sendo por fim aprovada por 44 votos contra um do sr. Pereira Dias.

Numa conferencia que tivemos com o sr. Diogo Peres, chefe da 3.^a repartição, este distinto funcionario fez-nos conhecer os meios mais economicos que está estudando para os desaterros e remoções de terras, assim como o rendimento dos citados materiaes de construcções que ha a explorar, o que se eleva a algumas dezenas de contos, a valorisação dos terrenos circunvisinhos do Parque, aumentada em 1\$000 réis cada metro, que fornecerá tambem maiores recursos, concorrendo tudo para que a grande obra se leve emfim a efeito.

A planta que publicamos do projecto que vae ser executado, dispensa-nos de pormenorizada descrição do que será o Parque Eduardo VII.

A area total do Parque é de 393:365^m2,80, sendo superior á de todos os jardins de Lisboa. O pla-

PARQUE EDUARDO VII



A GRANDE CASCATA QUE ALIMENTA OS LAGOS CONFORME O PROJETO DO SR. FERNANDO DA SILVA
(Reproduzido de um quadro a oleo do mesmo autor)

no mais alto, onde deverá canstruir-se o Palacio de exposições, eleva-se a 100^m. A avenida mais importante, denominada de cintura, tem 35^m de larga tendo a extensão de 2:127^m. Outras avenidas cortam o Parque em diferentes direções. Uma das gravuras que acompanham esta descrição, mostra a gruta donde mana a agua que, despeñando-se, vem alimentar um grande lago cuja superficie mede 3:662^m2,80. Deste grande lago vem

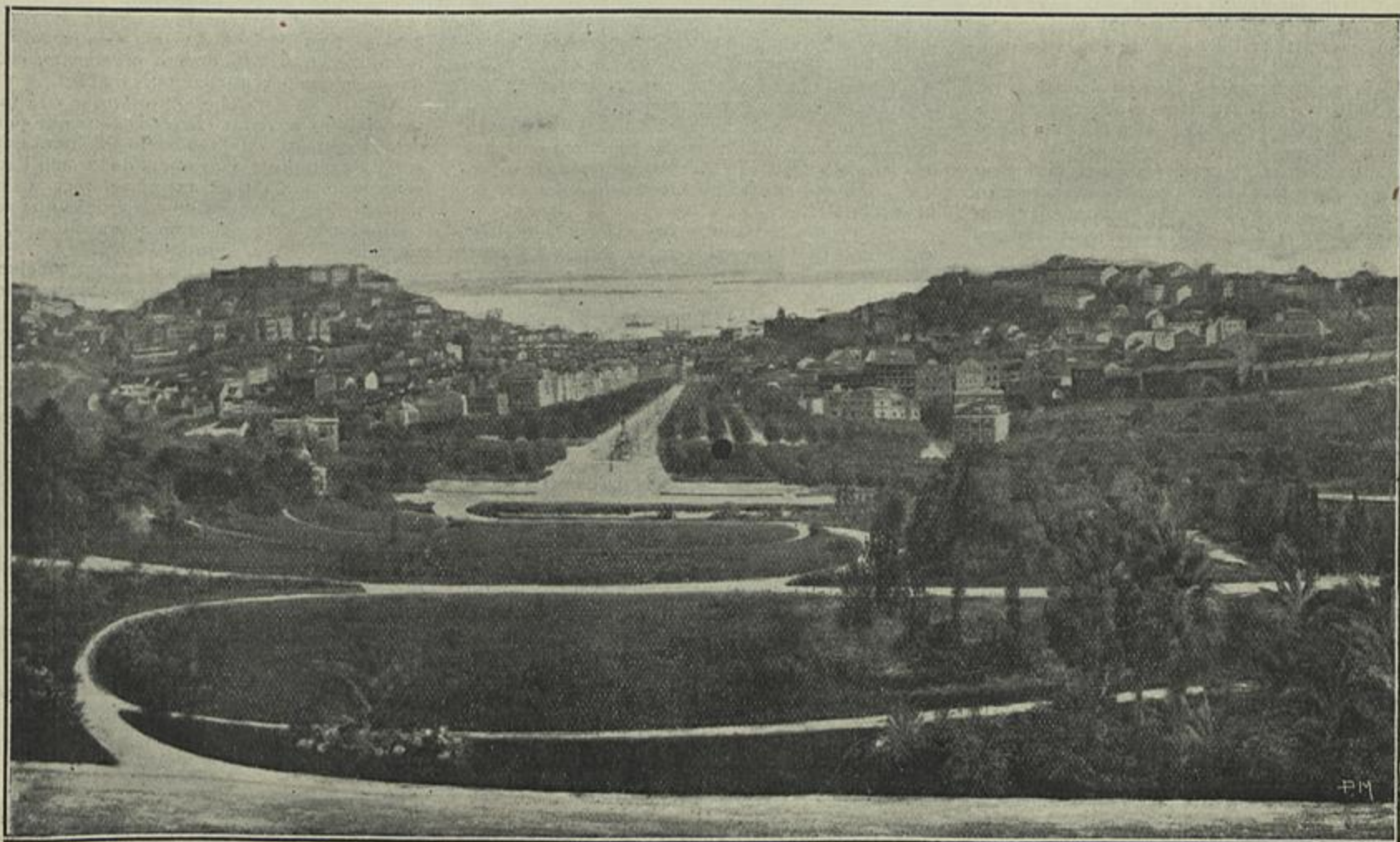
serpenteando um riacho para o lago inferior da entrada do Parque que é maior, pois mede a superficie de 9:609^m3,270.

O panorama que se disfruta dos pontos mais elevados do Parque é deslumbrante e dele dá ideia a gravura que publicamos, reproduzida do quadro a oleo composto e pintado pelo autor do projeto o sr. Fernando da Silva.

Noutro lugar, o nosso solícito colaborador sr.

Julo Borges, com a competencia que tem sobre o assunto, prosegue com a publicação do seu artigo, *Parques e Jardins de Lisboa*, em que principia a referir-se á arborisação e jardinagem que entende dever seguir-se no Parque Eduardo VII.

Que esta obra se torne, emfim, uma realidade, e terá a actual camara municipal prestado um relevante serviço á cidade de Lisboa.



PANORAMA DE LISBOA, VISTO DO ALTO DO PARQUE EDUARDO VII
(Reproduzido dum quadro, a oleo, composto pelo autor do projeto)

Notas de Arte

Planta do Parque Eduardo VII

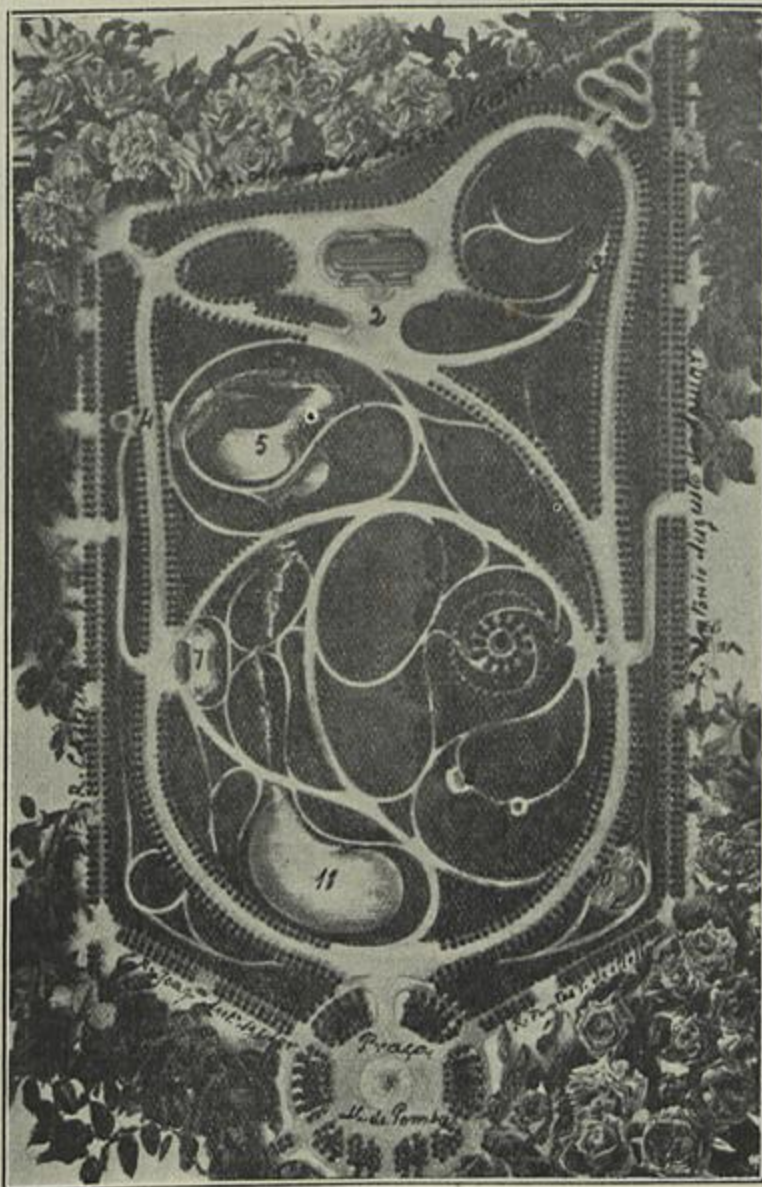
Concerto de Pianola

Como fôra anunciado, realisou-se, na Sala Portugal da Sociedade de Geografia de Lisboa, terça-feira, 17 de Março, pelas 10 horas da noite, um notavel concerto, para apresentação da *Pianola*, o auto-pianista da Aeolian C.^a de que são representantes nesta cidade, os srs. P. Santos & C.^a proprietarios do salão Mozart.

Esta festa de arte excedeu toda a expectativa, quer pela realisação dos trechos musicaes, quer pelo concurso duma numerosissima e selecta assistencia. Efectivamente, bem não era a hora, já a vasta Sala Portugal estava por completo preenchida, e ainda á porta do edificio uma enorme multidão se aglomerava e acotovelava ansiosa de tomar logar no recinto da sessão. Assim fôrão cabalmente satisfeitos os desejos do sr. Santos e da Academia de Amadores de Musica que em auxilios, por muito, concorreu; de tal modo que Mr. Dubois, director artistico da Aeolian C.^a que neste concerto habilmente tocou a *Pianola*, chegára a dizer que esta concorrência fôra superior á concorrência obtida nos concertos do mesmo genero em Paris e Londres. Na verdade, era vivamente surpresa, a curiosidade do publico; aliciavam-na a novidade do auto-pianista e a tentação dum programa escrupulosamente elaborado, com o concurso duma orquestra aclamada, sob a direção magistral de Pedro Blanch.

André Brun abriu a sessão discretamente amenamente sobre um tema hilariante da sua predilecção.

Cesarina Lyra, muito apreciada no nosso meio musical pelas suas qualidades eximias de cantôra, modulou o *Cid (Pleurez mes yeux)* de Massenet e a *Prière de La Tosca* de Puccini. E o sr. Estevam de Sá que á ultima hora substituiu o sr. Ivo da Cunha e Silva, fez-se aplaudir calorosamente, em duas peças de violino, pelo nume-



LEGENDA

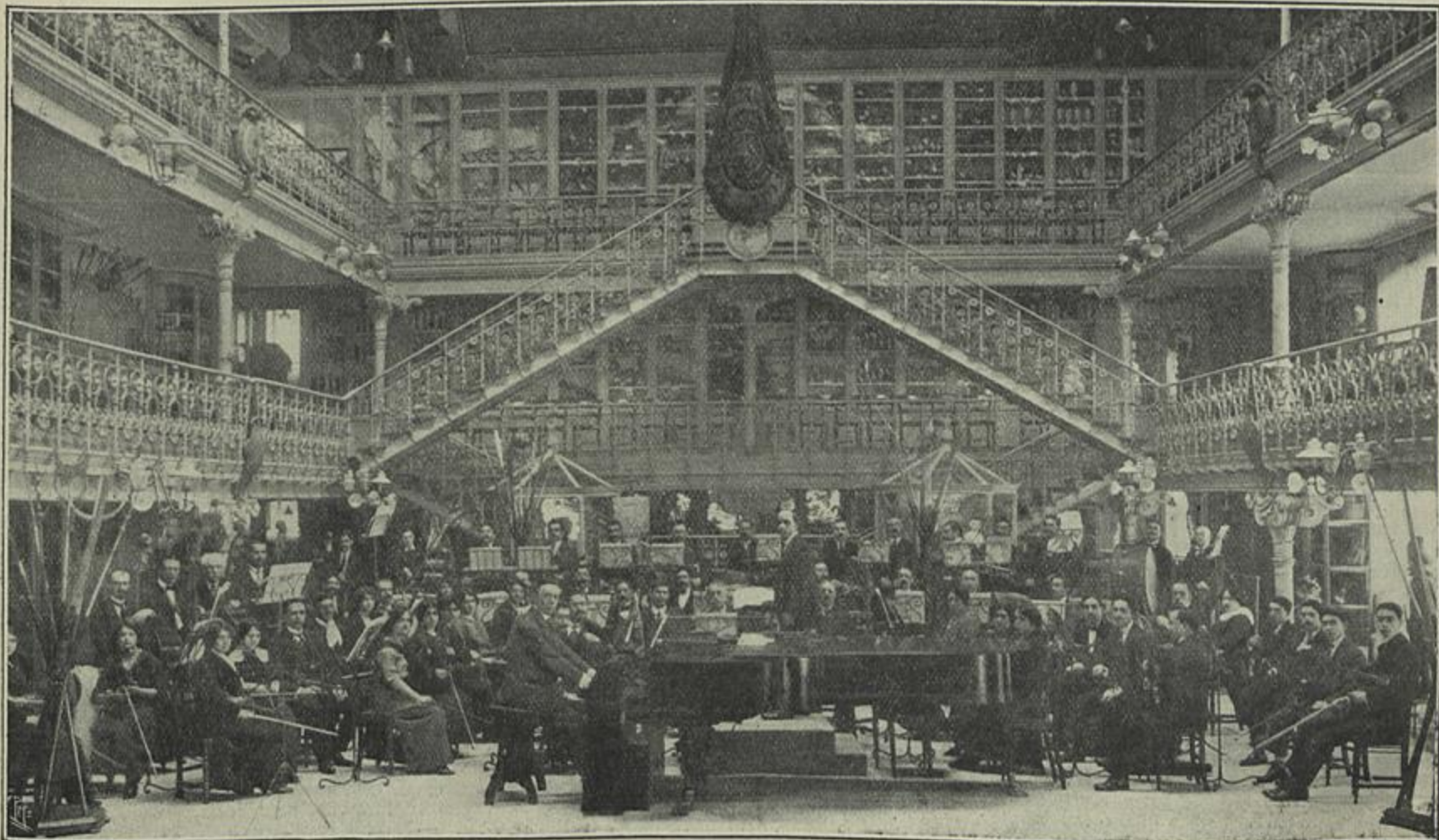
- | | | |
|------------------------------------|---------------------------|--------------------|
| 1 Casa para guardas e escriptorio. | 4 Abrigo para Cavaleiros. | 8 Grande belveder. |
| 2 Palacio de Exposições. | 5 Quiosque belveder. | 9 Teatro infantil. |
| 3 Chalet-retrete. | 6 Coreto. | 10 Estufa. |
| | 7 Café restaurante. | 11 Embarcadouro. |

roso auditorio. A *Pianola* acompanhou sempre, á maravilha, os trechos executados, e era admiravel de ouvir, nuança a nuança, primorosamente, ralentando, diminuendo ou crescendo, uma interpretação rigorosa dos grandes Mestres. Queremos referir-nos, em especial, á execução do *Concerto, op. 16*, de Grieg, *Cloches vespérales* de Decker e *Fantasia hungara* de Liszt.

A proposito, será de utilidade dizer algumas palavras ácerca do maravilhoso mecanismo que entra na fabricação do *Pianola-Piano*, ao qual devemos hoje a ilusão plena e completa do jogo dum Paderewski, dum Pugno ou dum Planté. Este mecanismo compõe-se essencialmente duma «flauta de Pan» cujas aberturas comunicam com umas especies de foles pneumáticos, tributarios dum sistema de foles central ou bomba aspirante movida por dois pedaes. Estes foles provocam a percussão dos martelos do piano sobre as cordas, assim como a acção dos dedos do pianista exercendo-se sobre as teclas.

Uma tira de papel sobre o qual se reproduziu com perfurações a partitura que se trata de executar, passa deslizando sobre esta flauta de Pan, descobrindo, por sua vez, um ou varios dos seus canaes. De subito, uma pressão de ar produz-se, que age sobre os diversos orgãos pneumáticos relativos a cada nota, provocando assim a percussão do martelo sobre a corda correspondente. Os pedaes servem de bombas aspirantes, e a sua acção pneumática, modificavel á vontade pela actividade maior ou menor da pedalagem, permite percorrer todas as nuanças da expressão, enquanto que um motor de ar, dependente do sistema de foles central, faz deslizar a tira de papel perfurado com a rapidez desejada. O executante, dirige a seu bel-prazer, o movimento e as nuanças da obra interpretada com a ajuda das pequenas alavancas seguintes:

A chamada «alavanca de ataque» agindo sobre o organismo pneumático á maneira dum obturador de ar



CONCERTO DE PIANOLA REALISADO NA SALA PORTUGAL DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA COM A ORQUESTRA DA ACADEMIA DOS AMADORES DE MUSICA, DIRIGIDA POR PEDRO BLANCH. NO PRIMEIRO PLANO, MR. DUBOIS QUE TOCOU, COM GRANDE EXITO, O AUTO-PIANISTA (Cliché Lazaros)



A PIANOLA PIANO

permite augmentar ou diminuir o ataque ou percussão dos martelos sobre as cordas do piano e modificar assim a intensidade do som.

A «alavanca do tempo» agindo sobre o motôr, igualmente á maneira dum obturador de ar, permite ralentar, acelerar ou deter o seu movimento e em seguida o desenrôlo da tira de papel perfurado.

Uma terceira alavanca cuja extremidade comunica com o pedal «forte» do piano age sobre este pedal como o pé dum pianista; uma quarta, enfim, que não intervem na execução das obras, opéra quando a deslocam, uma transposição mecânica provocando novo enrôlo parcial ou total, o que permite a *reprise* de tal ou tal passagem que se deseja estudar.

Para se conformar com as indicações tomadas nos rôlos perfurados, ou para traduzir os capri-



UMA SENHORA

TOCANDO A PIANOLA ADAPTADA AO PIANO

chos da sua propria inspiração, o executante serve-se das três primeiras alavancas que mencionámos, dispondo assim de todas as possibilidades duma perfeita interpretação. Não somente pode ler no rôlo, á medida que vai deslizando, todas as indicações de nuanças que existem habitualmente nas partituras impressas, mas o movimento exacto da obra interpretada é indicado pela linha rubra do *Metrostilo*—uma descoberta que, na opinião das celebridades musicas, dá á *Pianola* maior valôr artistico e coloca-a muito acima dos outros aparelhos deste genero.

O *Metrostilo* que somente existe na *Pianola*, permite a cada qual reproduzir a interpretação exacta dos grandes virtuosos contemporaneos ou dos proprios compositôres, com o auxilio dum dispositivo tão simples quanto engenhoso: na extremidade da alavanca do «tempo», está fixada uma agulha de metal com a qual o executante pode seguir no rôlo de papel perfurado uma linha rubra que foi traçada pelo proprio compositor ou por um grande artista e que indica exactamente as diversas variações do movimento que

caraterisa a sua interpretação. Quanto á maneira de traçar a linha rubra, é extremamente simples: basta afixar um estilete (ou uma penna) na extremidade da alavanca do tempo, de sorte que repouse levemente sobre o rôlo de papel perfurado. Durante a execução da partitura por um grande virtuoso, como Rosenthal, Diémer, Planté, etc., este estilete, dirigido por ele-proprrio, traça de algum modo sobre o papel do rôlo o desenho gráfico da sua interpretação.

Para atingir os supremos *desiderata* dos melômanos, só restava chegar a determinar, no proprio momento do ataque de certas notas, uma pressão de ar suplementar que as puzesse em relevo, destacando assim o tema ou a melodia do acompanhamento, e destacando nitidamente o canto da trama sonora: eis o resultado obtido pelo *Themodista*, depois do qual, parece que nada possa ajuntar-se ainda á *Pianola*.

Este maravilhoso mecanismo tem sido alvo de entusiasticas apreciações por parte dos maiores compositôres e virtuosos conhecidos. Assim, o Dr. Ricardo Strauss, notavel compositor e chefe de orquestra, diz: «E' com prazer que exprimo a minha grande admiração pelo *Pianola-Metrostilo* que me interessa enormemente. Se eu não na tivesse ouvido, jamais teria acreditado que fosse possivel reproduzir a interpretação exata dum artista e dar a ilusão que é ele-proprrio que toca. Mesmo agora, quando nisso penso, ainda me parece um conto de fadas.» O famoso compositor Debussy, declara: «E' certo que a perfeição atingida pela *Pianola* desanimará as pessoas que não toquem muito bem piano. Só por isto—sem falar da sua engenhosa tecnica,—o reconhecimento dos verdadeiros artistas lhe está assegurado.»



Parques e jardins de Lisboa

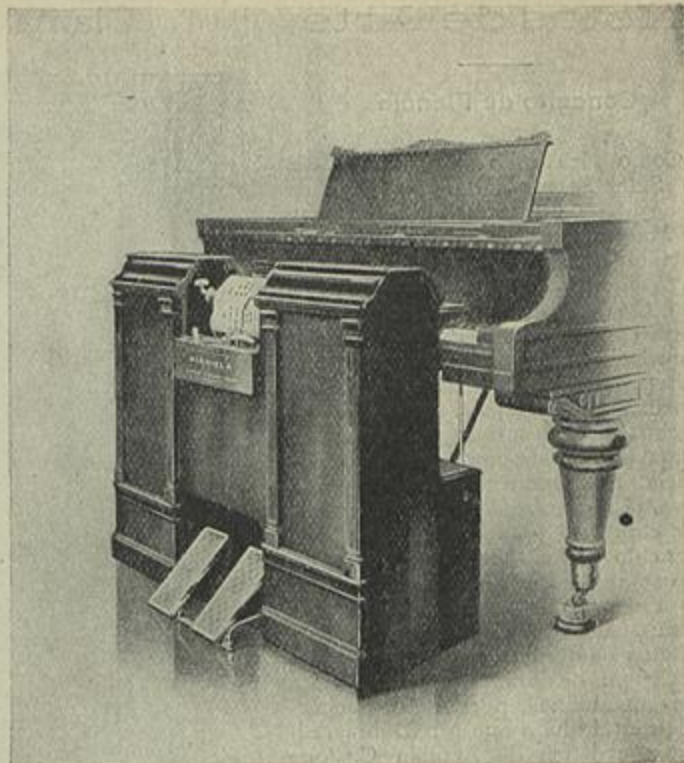
Arboretos

III

(Continuado do n.º antecedente)

Defronta, agora, esses notados trechos da formosa Avenida, que constituem ornato de maior moldura, e alindarão o proscenio de mais alto scenario, que só na mente se esboça—esta curiosa expressão vegetal a *Dracena Draco*, liliacea arborescente, d'entre as monocotylidoneas ramosas, a que atinge fórmias mais gigantescas. Por entre mais denso arvoredado, ela povoou as regiões insulares sub tropicaes, a Madeira, Porto Santo, as Canarias. Com o seu desenvolvimento em grandeza e n'uma feição soberba, justifica a predilecção que a Humboldt mereceu esta *Dracena*.

Este aparatoso capitulo da renovação architectural de Lisboa, com o seu ajardinamento syme-



PIANOLA ADAPTADA A UM PIANO DE CAUDA

trico, copiosa e variadamente arborisado, se imponente na sua perspectiva longitudinal, tiraria, por outro lado, da sua combinação com as parcelares transversaes a que correspondem eminencias ajardinadas, efeitos decorativos de suma beleza. D'est'arte se engrandeceria na sua architectura com um relevo inconfundivel, sendo tambem maior pregão que, incitando a curiosidade, muito aproveitaria a outras iniciativas.

Por onde, ahi, o horizonte se rasga mais desafogado, não seja só a imaginação que n'ele desenhie o manto pitoresco, desdobrando o seu colorido e maior expressão imprimindo nos labores artisticos que o completem, fulgindo á luz que os beija sob este céu azul e mais puro. Assim perdura ainda a expectativa de que uma forte e eloquente lufada de progresso acorde e incite resoluções que esse manto teçam e artisticamente rematem o grande aformoseamento floral com que se iniciou a renovação de Lisboa e se lhe deu um interessante e mais ridente ornato á sua nativa formosura.

IV

Natura addita architecturae
ou
Architectura addita naturae

(Extraído da critica á Estetica dos jardins)

A todo o momento, n'esta digressão pelos jardins publicos e a travez dos parques de Lisboa, maiores observações acodem á mente, e outras mais breves acaso se ouvem, que avivam no pensamento um e outro dos termos, tão contrarios, com que se formúla e compõe aquela combinação, que para aqui trasladamos da critica á «Estetica dos jardins» e, esta, já estampada em alguns dos mais celebres, em si-mesmos, e por virem figurando a par da Historia nos seus periodos notaveis—o da Renascença e o do «Seculo das luzes» que antecede o quadro contemporaneo.

Motiva, porém, e, em certo modo, justifica trazeremos aqui reproduzida essa combinação, n'esta altura do accidentado caminho que vamos percorrendo,—a propria orientação que adoptámos e nos levou a esboçar, primeiramente, a estrutura e, em mais largo traço, a fisionomia floral da *Avenida da Liberdade*, ferindo o ponto onde se impõem maiores esmeros.

Singulares razões de oportunidade tambem dão cabimento a que se frize aquella anotação da critica. Visam-se n'aqueles termos, applicações d'algum modo restritas; mas tambem elles levam a ter em vista, outras que o não sejam, attingindo-se, então, fixar a concordancia—na razão vária dos termos que n'essa anotação figuram,—entre os diversos aspectos naturaes e artificiaes com que se compõe o scenario urbano. E', em si, maior este quadro.

A inserção, pois, n'ele, de modalidades mais graciosamente florentes; o seu engaste nos aneis orograficos, encontram a condiciona-los as diversas situações por onde esse scenario se desenrola, e algumas superiores pelo relevo e especies

lambres das obras ahí ostentadamente arquitetadas.

Taes são, mesmo, as apontadas razões de oportunidade que só elas nos sugerem, desde já, uma referencia ao delineado *Parque Eduardo VII*, de tão protelada construcção, a despeito do maior e do mais insistente empenho de que ela se realise sobremodo original e maravilhosamente bela!

Na altura da situação que lhe está assinada, e com o seu traço orográfico, constituirá soberbo remate do eixo principal da Avenida, rompendo em volutas arboreas enfloradas e assim, d'algum modo, n'um caprichoso traço de formoso capitel de mais elevada e nobre coluna; e, para as umbrosas alamedas que acompanham aquela extensa linha, expansão mais alta da sua corôa de frondes e comas entrelaçadas.

E, no entretanto, dir-se-á que os *marmores* reclamam um lugar de evidencia para ostentação do seu brilho na renda dos seus caprichosos lambres. Aspirações!

Por que, agora mesmo, se renova o estudo e reabre a discussão sobre o plano estrutural do *Parque Eduardo VII*, d'ahi, o maior incitamento para acompanharmos o que, n'este sentido, se tem esboçado, occorrendo distinguir, a par da diversidade dos termos d'aquella anotação da critica, as expressões pitorescas e os aspectos decorativos que n'esse esboço figuram. Se esse esboço começou já de fixar-se n'um breve trecho do Parque, qual prodomo revelador da concepção que poderá, porventura, dominar na composição d'este quadro por tantos titulos singular, melhor vinga para estas divagações, a sua oportunidade.

E' considerando esta fórmula material que toma a ideia em que se dirá inspirada a criação do Parque, interessantemente trabalhada com mais pomposas combinações, a dentro do perimetro que lhe está marcado, — que deixam de ser intempestivas umas tantas observações a proposito do respectivo plano. Antes, e quanto o podemos dizer, se nos afiguram bem cabidas n'este momento.

Não resta duvida de que, n'este Parque, terão de concertar-se harmonicamente as suas grandes peças arboreas, acompanhando, para maior efeito scenico, as voltas orográficas, como tambem os seus jardins proprios, que mais brevemente sejam, umas, constituídas e, outros, compostos, — com aqueles trechos arquitetonicos que, ao sabor d'aquella concepção, venham surgindo entre a floresta do Parque.

N'estas condições, impôr-se-á — para evitar *chinezices* — uma determinada subordinação d'esses trechos, nas suas linhas arquiteturas exteriores, á estrutura florestal do Parque, e seja então: *architectura addita natura*; mas, vingando, por considerações varias e maiores ponderações, a aludida concepção, veremos, simultaneamente, nos jardins que, em termos mais particulares, correspondam ás opulentas vivendas que assentem n'aquella estancia, prevalecer a contraria formula, ou *natura addita architectura*.

Que d'este entrelaçamento resulte uma obra original e bela, e mesmo grandiosa, póde, n'uma inspiração, representa-lo o lapis superiormente artistico; mas d'ahi á execução d'essa obra tudo é contingente com as circumstancias, e com a orientação estetica vária e como ahí se depara a cada passo.

Oh! a expressão com que se proclama a originalidade!

Ahí estão as rotundas e as grandes praças, da moderna Lisboa, e das quaes irradiam largas avenidas, accusando na arquitetura que, nos respectivos perimetros, as ornamenta, o que essas circumstancias significam, a despeito de todas as lições e dos maiores ensinamentos da alta estetica que n'aquellas situações deviam afirmar-se sobremodo eloquentes! Tinham, no caso, de harmonisarem, entre si, a grandeza do trecho urbano no seu caracteristico ornamento, com a arquitetura, mais elevada e mais nobre, que, em volta, lhe correspondesse. E, todavia, como se vê, não se logrou estabelecer essa harmonia, até mesmo para que ela, emfim, se depare vão surgindo alguns desconcertos.

Sendo, porém, outra a situação do Parque, e variando n'ele a harmonia entre a sua estrutura propria e a feição arquitetonica das vivendas que, exornando-o, em compensação auferem o especial apanagio que por ele se lhes dá, desde logo se impõe ter em vista como elas, com a sua base de occupação, reduzem a superficie do Parque; e por essa fórmula, mais ou menos transtornando o seu peculiar delineamento, ou interceptando os panoramas de mais rasgados horisontes, que, por sem duvida, constituem, para a situação, uma das suas caracteristicas mais risonhas e atraentes, e

em muito concorrendo para que mais deleitoso ele se ofereça na espessura e no adorno dos seus arvoredos e jardins.

Se tudo cabe adentro do perimetro do delineado Parque ao qual, conforme podemos medir na planta de Lisboa, correspondem uns quarenta hectares, porventura o demonstram melhores argumentos, que aliás nos escapam, desde que não encontramos, n'esta medida, tão largo ambito que facilite concessões que a maior numero d'essas vivendas aproveite, sem que venha a contrair-se, no seu desenvolvimento proprio, o mesmo Parque. Que preferimos ve-lo em mais perfeita concordancia com a sua situação, mantidas as relações que a vincam a par dos trechos citadinos circunjacentes, n'uma conformidade com as suas peculiares expressões esteticas, — representadas, no Parque, pela floresta; constituídas pelos jardins com que se ornamentem terraços; surgindo nos quadros em que ostente a sua pujança, o seu viço e maior mimo a flora exotica, e tão largos quanto possivel e ainda abrigados por amplas cupulas de cristal; brilhando com as aguas serpeantes, e aqui e além, rasgando-se-lhes lagos em que irrompa o matiz floral; atraindo pelo revoltear das aguas que se elevem em jorro breve se pulverise, e assim se vão irizando nas suas tenues, multiplices gotas.

Este assunto que, para a digressão que vimos seguindo, encontra outros que lhe são paralelo, é, em todo o caso, especial na ordem dos aformoseamentos de Lisboa.

Incita-nos, além d'isso, a reproduzir uns periodos em que se dá uma ideia da maior importancia que se liga aos parques com que se dota e exorna a capital inglesa.

Associação de ideias, em nós influe agora, posto denominar-se de *Eduardo VII* o Parque lisbonense.

Resumimos a descripção dos parques londrinos:

...«Hornsey e Stoke Newington e muitas outras localidades, auxiliadas pela generosidade particular e pela autoridade do Conselho do Committee de Londres, teem oposto uma barreira aos invasores e criado parques em cujo recinto os empregarios não podem construir. Os parques são os pulmões de Londres.

«Ao passo que os parisienses teem de alcançar o *Bois de Boulogne*, para além das fortificações, os habitantes de Londres encontram os seus parques dentro da propria cidade.

«Pode-se seguir de Kensington a White Hall, no coração da cidade, sem percorrer os arruamentos, e na extensão de quatro kilometros, ao abrigo de deleitoso arvoredo, atravessando successivamente o jardim Kensington, Hyde Park, Green Park, Saint James Park, que se ligam sem solução de continuidade, com excepção do trecho de Picadilly.

«D'estes quatro jardins publicos, o mais vasto e o mais celebre é Hyde Park, que corresponde ao que foi a floresta de Middlesex, e sendo ele, ainda hoje, como na época remota em que foi criado, campo de passeio e de recreio para os habitantes de Londres.»

Uma referencia á capital da França completa o que trazemos transcrito.

— A' municipalidade de Paris vae ser cedido pelo Estado, mediante indemnisação que orçará por cem milhões de francos, o recinto das fortificações, para, depois de arrasadas, se estabelecer em volta da capital uma cintura suntuosa de parques e jardins cobrindo uma superficie que se avalia em quinhentos hectares, integralmente destinados a esse aformoseamento. E' calorosa a defesa n'este sentido. A situação mais central d'esses novos parques e jardins motiva unanimes aplausos a favor da realisação d'esta obra que se considera particularmente util ao bem-estar e á saude da população parisiense. Ajuiza-se da importancia da obra, notando que lhe corresponde um orçamento de vinte milhões de francos.

Se isto vem a proposito da construcção do Parque Eduardo VII, ainda melhor exprime o empenho com que, nas capitales modernas, se trata do seu aformoseamento por meio de parques e jardins publicos, n'um esmero de civilisação e para que ela se afirme, em todo o sentido, mais benefica.

(Continúa.)

F. JULIO BORGES.



Mesmo a gloria necessita consolação.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacaven))

Segunda parte

III

PASSEIO DE OUTOMNO

(Continuado do numero antecedente)

Para voltarem a Paris, atravessaram o Pere-Lachaise, seguindo depois pela rua dos Rondeaux. Ao atravessarem aquelle campo dos tumulos, Fombreuse e Lescourias caminhavam ao lado do outro sem dizerem palavra. O mero acaso fez levantar os olhos de Fombreuse para uma capella que tinha a seguinte inscripção:

FAMILIA LAMBERT DE CARBRANCHES

Olhou para dentro e viu uma enorme quantidade de ramos de flôres; dois d'elles estavam collocados na frente d'uma placa de marmore que dizia:

*Sr.ª de Parsy, Luiza de Carbranches
morta na idade de 25 annos:
Sr.ª E. Chabrolles, Antonieta
de Carbranches
morta na idade de 23 annos.*

Outras placas esperavam a sorte de serem gravadas. Vinte e cinco annos! Vinte e tres annos! as irmans de Seraphina! Onde será a sua placa? Um pensamento terrivel passou pela mente do compositor.

— Fujamos d'aqui, disse a Lescourias. Fico doido.

Como chegassem a um sitio onde vissem o panorama de Paris...

— Recordas-te do fim do *Pere Goriot* quando Rastignac olha para a cidade, pensando em conquistal-a.

— Sim, uma pagina que faz mêdo.

— Que obra! E haver alguém que escreva romances depois de Balzac!

— Como nós que escrevemos musica depois de Bach, Beethoven e Wagner!

— Tens razão.

Já no *boulevard* no meio do grande movimento disse Fombreuse:

— E' necessario encontrarmos Walter; é talvez um genio a salvar. Mas onde o poderemos achar? Miseria do coração e da alma!

IV

UMA ALMA DERROTADA

— E o sr. Mauricio? disse a mãe Claudina, pondo sobre a mesa um prato com legumes e carne assada.

— Elle virá, disse Steinbaum.

— Mas já vae tardando, é mais de meio dia; as crianças já têm fome, e tu Steinbaum não achas horas?

— Vamos almoçando e guarda-se o almoço d'elle. Olha, Claudina, vae ver se elle dorme ainda.

— Vamos para a mesa, meu Rodolfo, e corta um bocado de carne para o pequeno. N'este momento chegava Claudina.

— Já tinha sahido?

— Estava ainda a dormir!

Vem almoçar, mas pediu que não esperassem por elle.

D'ahi a pouco tempo chegava Fombreuse, com ar risonho.

— Bom dia, meus amigos.

— Antes, boa tarde, disse Lisbeth sorrindo-se.

— Terminei.

— Completamente?

— Falta fazer apenas as correcções nas partes cãvas dos instrumentos.

Ha um mez que Fombreuse trabalhava em uma peça symphonica que o general Carbranches já tinha pedido para que fôsse executada no concerto dos Campos Elysios. Era a primeira vez que Fombreuse abordava a symphonia, apoz musica de camara e peças para canto esta obra era a primeira tentativa. Já se vê que em toda a peça estava pintado pela melodia os amores do auctor pela Serafina. Elle tinha aberto as partituras de Beethoven, Wagner e Cesar Franck, analysára os desenhos da melodia nos diversos naipes da madeira, corda e metaes, pois desejava sahir na sua obra dos moldes d'aquelles mestres.

A symphonia ia sahir da sua ardente imaginação, brilhantemente. Semanas seguidas gastou elle na sua mesa de trabalho completamente alheio a toda a especie de passatempo mundano! Fôram dias de trabalho seguido, sem treguas!

A sua obra era filha do seu espirito e do seu coração; musica d'um eterno sonho d'amor, em que as notas traduziam o sorriso da mulher que elle amava com tanto ardor.

— Estou contente, dizia elle a Steinbaum, mas sinto-me fatigado.

Não deve sahir hoje.

— Amanhã?! Mas não vejo Serafina, ha tanto tempo! Embora durante o meu trabalho eu a tivesse presente perante mim. Faz muito frio ha dias não é verdade?

Depois de almoço, Fombreuse voltou para o seu quarto com Steinbaum. Este ponde ver o arranjo do quarto. Sobre as cadeiras, pelo chão, moveis á mistura com pontas de cigarro, tudo coberto de poeira, pois tinha recommendado a Claudina para que não arrumasse nada.

Tocaram á campainha. Era Buniere.

— Eis o que me trouxa aqui. Tendo ouvido algumas palavras trocadas entre Lescourias e o sr. a proposito d'esse musico cego, creio tel-o encontrado.

— E organista em que igreja?

— Toca piano em um café de Montmartre.

— Wolfram Walter?! não é possivel.

— Talvez me enganasse, mas creio que a cara d'elle não me engana.

— Walter, disse Fombreuse, é uma figura que, vista uma vez, não se apaga mais da nossa memoria. Cara comprida, barba fina, cabelleira bem lançada.

— Pois é assim, mas agora traduz a tristeza, a miseria sobre a idade. Possui um olhar cêgo, mas que traduz uma grande lucta moral.

— E' o mesmo, disse Steinbaum, é o Wolfram apoz o desgosto.

— Iremos esta noite, está combinado? Encontro em casa de Lescourias, ás nove e meia.

— E' muito longe?

— Boulevard de Clichy.

— Até logo, iremos então ver esse pobre homem.

A familia Carbranches habitava em Pa-

ris uma pequena casa na Avenida Henri Martin. Tinha escolhido esta casa proximo do Bosque por causa da saude de Serafina e tambem por causa das crianças.

Quando Fombreuse bateu á porta, eram talvez tres horas da tarde. Um sol palido cahia frouxamente sobre os ramos das arvores.

— O sr. general, está?

— Sahiu com os meninos.

— E a senhora?

— Essa está, mas não recebe, pois encontra-se todo o dia ao pé da menina.

— Está doente?!

— Ha alguns dias, o frio que tem feito...

— Diga á senhora que sou eu que de-sejo fallar-lhe.

— Esteja tranquillo, sr. Fombreuse, é uma ligeira bronchite. O senhor a irá ver d'aqui a pouco, está terminando a sua *toilette*.

O quarto de Serafina era claro e branco. Cortinas brancas de *mousseline* nas janellas e nos cortinados da cama, mas todo o aposento apresentava o aspecto d'uma cela de religiosa. Esta simplicidade recordava ao compositor a antiga ideia de Carbranches em consagrar-se a Deus. Em um quadro o retrato de Fombreuse em grosseira gravura feita por Steinbaum, na parede opposta um crucifixo de marfim.

Serafina, palida e com grandes olheiras pela febre, olhou para Fombreuse, estendendo-lhe a mão amigavelmente.

— Até que em fim, Mauricio! Já o esperava hoje, um palpito que eu tinha desde hontem.

— Qual a razão porque não me preveniu da sua doença?

— Não o queria desviar do seu trabalho, mas agora vejo que a sua obra está prompta, será bonita, não é verdade?

— Mas fallemos primeiro da sua doença.

— Ella estava um pouco zangada com o sr. Fombreuse.

— Maman!

— Muitas vezes até pensei em lhe escrever afim de lhe pedir que viesse cá um bocadinho á noite. Mas ella de forma alguma quiz, pois não o queria distraír.

— Serio, Serafina?!

— Tinha a certeza de o ver aqui logo que a obra estivesse prompta. Estou aqui entre o crucifixo e Fombreuse. Quantas vezes, ao cahir da tarde, eu resava para que a sua obra sahisse digna do seu talento.

Como a sr.^a Carbranches se retirasse para um quarto contiguo, o compositor disse:

— O que se passou por cá?

— Aqui, sempre tristezas. Meu pobre irmão fez novas loucuras, obrigando meu pae a pagar novas dividas. Foi uma scena terrivel. Todas estas coisas de familia me ralãm immenso. Um dos meus cunhados, o sr. Pavy, vae casar novamente, e minha mãe teve que lhe tirar os netos da sua companhia.

— Casar-se? Não gostava da sua mulher?

— Ah! Mauricio, obrigada pela boa esperanza que me dá. Elle gosta muito das crianças, verá como são engraçadas.

— Disseram-me que se parecem comigo.

— Dão ares da mãe.

Fombreuse olhou para Serafina, e uma sombra negra passou pela sua mente, viu claramente as placas do cemiterio.

— Tenho a dar-lhe uma noticia triste para nós dois, disse Serafina.

— Assuata-me... diga.

(Continúa.)



Teatro hindu

II

Teatro moderno

A invasão mahometana, vibrando um golpe de morte sobre a decadente civilização hindu, sepultou no esquecimento o antigo teatro da India; e os velhos dramaturgos não tiveram imitadores, nem admiradores, durante os longos séculos de trevas, que pairaram sobre a literatura sânscrita. A luxuosa côrte dos grão-mogoes, aliás credora do reconhecimento da India pelos monumentos de arte com que dotou aquele paiz, não foi notavel pela protecção a essa lingua, que teve de esperar alguns séculos, até que outro poder mais vigoroso viesse do occidente despertar a da letargia. Honra seja, porém, aos raros *xastris* e *panditas*, que durante as amargas vicissitudes politicas que convulsionaram a sua pátria, guardaram com veneração e carinho e nos transmitiram a preciosa herança literária dos seus avós.

A valiosa protecção que o governo inglez dispensou á cultura das linguas e antiguidades indianas e a implantação do teatro inglez, contribuíram eficazmente para o renascimento do teatro hindu, que só desde a segunda metade do último século voltou a ser conhecido por todo o paiz.

Datando, pois, de tão pouco tempo o seu ressurgimento, não podia este teatro atingir, desde logo, o seu antigo desenvolvimento. Com effeito, o teatro na India se acha, ainda hoje, bem longe de corresponder ás tradições d'um povo, que tão bem cultivou a arte dramática na antiguidade, independentemente de qualquer influencia estrangeira. As peças não passam de traducções dos dramas antigos ou adaptações das inglezas; emquanto Kálidàs e Bhavabhúti tiveram o prazer de vêr as suas obras admiradas pelas assembléas constituídas, na maior parte, por principes e letrados, isto é, pela nobreza do sangue e das letras, os modernos empregários, salvo poucas excepções, têm de se contentar em entreter alguns estúpidos *habitués*, sem gosto, nem educação, porque das classes educadas são raros os que frequentam o teatro indígena e esses mesmos pouco se preocupam com o levantamento d'essa arte que tanto carece do apoio das mesmas classes.

Primeiramente, a imprensa indígena não faz a crítica teatral, apontando os defeitos para a correcção. O palco está associado á idéa de immoralidade. A maioria dos actores, recrutados em classes inferiores, não possuem educação artística e são antes cuja companhia é pouco desejada; o espectador, em geral, não é um cavalheiro com ideal artístico; e o empregário, sabendo que especie de gente alimenta o seu teatro, procura manter a sua popularidade adulando-lhe o gosto depravado. Como pôde assim progredir a arte?

Existem actualmente na India teatros representados em todas as principais linguas vernáculas. Só em Bombaim ha os seguintes: em lingua marata, os dos hindus; em gujarate, os de hindus e parsis; e em urdú, os dos mahometanos, sem se falar do teatro konkani, recentemente introduzido pelos portuguezes de Goa. Em todos eles as peças levadas em scena, tirados poucos dramas históricos, são, como disse, traducções de peças antigas, como *Xakuntalá*, *Hanuman*, *Harichandra*, etc., ou originaes baseados nas velhas lendas épico-mitológicas, são, e serão por longo tempo ainda, o entusiástico atractivo das massas hindus, tanto porque estas como porque, sendo o amor o factor principal n'esses dramas, só as heroínas d'essas remotas épocas podem ser o objecto de intriga amorosa, porque casavam na idade em que podiam experimentar o amor, ao contrário das raparigas modernas que casam antes da puberdade. Só os mahometanos e os goezes, que não possuem epopéas nem tradições mitológicas, oferecem nos seus teatros peças sobre assuntos históricos ou da vida social moderna.



UMA CORISTA FORA DO PALCO

O papel das mulheres é em geral feito por homens, ou então, é o inverso: ha companhias constituídas exclusivamente por atrizes, que fazem até os papeis masculinos. Alem dos actores principais, ha *as coristas*, (que, são uns garotos de 10 a 14 anos) cuja função normal na peça é acompanhar nas ocasiões festivas a *heroína*, que, geralmente, é uma *princesa*, e entretel-a com cantos e danças nas suas tristezas, ou no *darbar* (festa da corte) do rájá ou sultão, seu pai. Todos os empregados sustentam um grande numero d'esses rapazes, pagos á razão de umas 7 rupias ao mez (quasi 2\$500 réis). Estas pobres criaturas são na maior parte órfãos ou filhos expostos, acomodados todos n'um cubículo comum sob os cuidados de um *mastór*, ou mestre, actor velho, que, para os treinar e manter em ordem, tem de consumir toda a sua, de si parca, mioleira.

O enredo da peça, antiga ou moderna, é facil de se advinhar. E' sempre uma intriga amorosa entre o heroi e a heroína com o indispensavel *Viduxaka*. A's vezes aparecem duas heroínas rivais e ciumentas; se o autor tiver introduzido mais um personagem masculino está bem; aliás o unico heroi tem de casar com as duas, porque o himeneu é a conclusão fatal destas peças.

O enredo tem de ser condimentado com uma parte cómica, que é a condição *sine qua non* do successo da representação. O espectador, especialmente o mahometano, exige-a, e por isso o autor, que bem conhece o seu meio, trata de a enxertar, qualquer que seja o carater da peça. Este episódio cómico tem tambem um molde comum. Não obstante a proibição do velho Bharata da exhibição do amor adulterino, é geralmente um criado ou companheiro do heroi, cuja mulher é uma cabeça de vento, e a assembléa farta-se de rir da estupidez do marido, que deposita imerecida confiança na ingrata metade. Mas, por fim, tudo termina em boa paz e a ovelha desgarrada volta para o tecto conjugal, com grande satisfação da plateia, que com estrepitosas palmas celebra o regresso da alma ao seu corpo, restabelecendo a harmonia doméstica.

E' grande apreciador de moralidades esse auditorio. Qualquer que seja a sua conducta pessoal, uma vez no teatro, o espectador julga-se com o direito e o dever de manifestar de um modo sensível a sua simpatia pela virtude e o seu horror pelo vicio; e, por isso, nunca se esquece de bater as palmas em ocasiões oportunas, como a morte do vilão, a recompensa da virtude, o triunfo do heroi nas suas adversidades, um discurso elogiando a virtude ou condenando o vicio, etc. Quando Iachimo penetra na alcôva de Imogénia, profanando a sua santidade, a indignação é tal que até gritam pela policia. D'outro lado quando a scena fôr patética, os olhos não são aváros em lágrimas. Contava-me um cavalheiro que viria uma vez um mahometano derramar copiosas lágrimas, apoz uma scena de degolação, e que, por informações posteriores, soubera que o compassivo espectador era um... carniceiro de profissão!

Alem da parte cómica, o público quer a música; e, portanto, as peças são, sempre, operetas em prosa e verso. As metáforas mais ousadas, cantadas em música dolente e arrastada, em longas repetições, são para ele uma delícia, que se

manifesta em expressões como «Que sublime!» «Que linguagem!», saidas espontaneamente da boca até de individuos da mais infima escala, derretidos pela mais fina sentimentalidade.

Os teatros costumam ter cinco classes, e os preços de entrada variam de 80 a 500 réis. Os espectáculos são tres por semana, incluindo uma *matinée* ao domingo. A receita máxima com «uma enchente á cunha» chega a 350\$000 réis; mas o empregado não despreza uma entrada de 35\$000 réis, que ainda paga bem os pobres e mal instruidos actores. A representação dura desde as 21 horas até á 1 ou mesmo até ás 3, a contento dos espectadores, que, tendo pago 4 ou 6 *anás* pelo assento, só dão por bem gasto o seu dinheiro em troca d'um espectáculo, que dure pelo menos outras tantas horas. Se a arte é longa, a vida tambem não é breve para eles. De resto, a extensão dos dramas exige este longo tempo, quando não, têm de ser amputados; o *Xakuntalá*, por exemplo, é raras vezes exhibido alem dos 4 primeiros actos.

A *claque*, tanto procurada nos teatros europeus, tambem não falta nos indianos especialmente nas *premières*. E nos intervalos ouvem se pregões anunciando *laddús*, *supari* e *xérbet*, justamente como os pasteis e o incorrigivel *copo com água* das nossas casas de espectáculo.

Tal é o estado presente do teatro na India. Fe-



MISS. P. BALAMONY ATRIZ HINDU DE MADRASTA

lizmente, nos últimos anos, esse teatro tem manifestado sinais evidentes de progresso, graças aos esforços da imprensa, que se vai interessando por ele, e dos artistas, que se apresentam melhor trenadados. Têm aparecido alguns actores, que desempenham o papel de Ophelia, Julieta e *Xakuntalá* com tanta naturalidade, graça e pudor femininos, que fariam a honra ás melhores atrizes da Europa. Entre as artistas é mais citado o nome de Miss P. Balamony, de Madras, que pelo seu talento tem conquistado palmas e medalhas até dos inglezes, incluindo o governador geral.

Oxalá que este progresso se vá acentuando mais e levante o nivel do velho teatro hindu.

MARIANO SALDANHA.

«Parsifal»

Este novo livro do nosso colega de redacção, Alfredo Pinto (Sacavem), em que analisa a obra de Ricardo Wagner, leitura indispensavel para todos os nossos artistas e amadores de musica, é posto á venda em breves dias. A capa é do distincto artista Stuart Carvalhaes.



UMA CORISTA NO PALCO

Alfredo Pinto (Sacavem)

Este nosso amigo e colega de redacção acaba de receber de Italia comunicação que foi eleito por unanimidade membro da conhecida academia *Arcadia* de Roma.

Esta academia, que data de 1690, é das mais consideradas de Italia, contando no numero dos seus socios nomes como: Cantú, Leopardi, Manzoni, Pietro Verri, Leão XIII, Carmen Sylva (rainha da Roumania), etc.

Nos seus magnificos salões todos os anos se realisam conferencias por vultos conhecidos nas letras, artes e sciencias.

Alfredo Sacavem foi convidado pela douta *Arcadia* a ir fazer na séde uma conferencia. O nosso colega acedeu ao convite, constando nos que falará sobre a *canção popular portuguesa*. Daqui lhe enderessamos os nossos parabens.

O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro, 1914

Barometro — Max. 775^{mm}.2 em 14.
Min. 743^{mm}.3 em 16.

Foram grandes as oscillações barometricas durante o mez, sendo para registrar uma baixa de 22^{mm}.3, das 9 horas do dia 15 ás 6 horas do dia 16, facto pouco vulgar no nosso país.

Termometro — Max. 17°3 em 15.
Min. 5°1 em 7.

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 2 dias.

» Ceu nublado 20 dias.

» Ceu encoberto 6 dias.

Chuva — 114^{mm}.8 em 18 dias.

Horas de sol — 115^h.52.

Nevoeiro — Em 7.

Granizo — Em 6 e 9.



Herbarium. — *Organ zur Förderung des Austausches — Wissenschaftlicher Exsiccationsammlungen* — Verlag von Theodor Oswald Weigel in Leipzig.

Do sr. Teodoro Oswald Weigel, de Leipzig, recebemos esta preciosa revista que é um catalogo minucioso, tanto quanto possivel, completo, da flora universal. Os botanistas têm ali um repositório opulentissimo a que poderão recorrer, satisfatoriamente, com exito assegurado, nos seus estudos e investigações. As plantas mais raras — ali são descritas e indicadas com larga abundancia de pormenores. Cumpre-nos dizer que é nitidamente especializada a flora da Africa do Sul — e sobretudo a flora da Africa Alemã.

Agradecemos a oferta gentilissima.

Associação Protectora da Arvore. — Com prazer registramos que vai colhendo resultados uteis a intensa propaganda da arborização promovida nos ultimos tempos.

O culto da arvore vai conquistando, por todos os campos pro-selitos fervorosos.

Recebemos desta Associação alguns lindissimos postaes, representativos dum encantador baixo-relevo de Simões Sobrinho.

A divisa que exara, é, por todo o sempre, eminentemente verdadeira: «*A festa da arvore é uma iniciação para o bem*»

Correspondemos, em gratidão, aos intuitos desta Associação benemerita.

Anuario Comercial de Portugal para 1914. — Fundador e director Caldeira Pires.—Lisboa, Praça dos Restauradores, 30.

Já está publicado este interessante e util anuario que é de grande auxilio para o commercio, ou melhor para o movimento geral do pais, pois é um belo guia para todas as relações da nossa vida.

Consta esta obra de dois volumes, tratando o 1.º de Lisboa dividido em seis partes a saber: I. *Alfandegas, Caça, Contribuições, Correio e Telegrafos, Registo Civil, Moeda Portuguesa, Tabelas de Cambios, Taxa Militar*; II. *Parte administrativa de Portugal, Presidencia da Republica, Constituição politica, Legislação, Ministros, Congresso, Ministerios*; III. *Lisboa* (suas divisões), *Roteiro* (Plantas dos 4 bairros), *Indicações diversas* (Meios de transporte, teatros e atrações), *Moradas de Lisboa*; IV. *Parte administrativa de Lisboa* (Instituições administrativas, commerciaes, instrutivas, judicias, militares e de saude e beneficencia); V. *Profissões de Lisboa* (comerciantes, industriaes e profissionaes); VI. *Caminhos de Ferro, Navegação, Praias, Sanatorios, Termas.*



MONUMENTO AO ALMIRANTE BARROSO, NO RIO DE JANEIRO
(Cliché Alfeu Romero)

O almirante Francisco Manuel Barroso da Silva, Barão do Amazonas, nasceu em Lisboa a 29 de Setembro de 1804 e sentou praça de guarda-marinha em 18 de Outubro de 1821. Encontrou-se no Brazil quando, foi proclamada a sua independencia, incorporando-se então na marinha brasileira de que foi um dos seus mais distintos officiaes, vindo a ser o vencedor da celebre batalha naval do Riachuelo, de 1805 em que alcançou a gloria dos heroes. Falecido em Montevidéu a 9 de agosto de 1882, os brasileiros resolveram logo erguer-lhe, na cidade do Rio de Janeiro, o monumento que a nossa gravura representa.

O 2.º volume trata das *Provincias* (Portugal continental, insular e colonial), sua divisão por distritos, no continente, ilhas e colonias ultramarinas, com plantas corograficas, indicações das capitães, concelhos, etc. *Principaes centros de fabricação e produção* (por ordem alfabetica). *Feiras e Mercados* (epoca e locais em que se efectuam).

Caixa Geral de Depositos e Instituição de Previdencia. — *Relatorio e Contas em 30 de junho de 1913 e parecer do Conselho Fiscal.* — Imprensa Nacional. — 1914.

E' este um documento official que bastante elucida sobre os progressos desta instituição, cuja situação se mostra lisongeira, apresentando os seguintes resultados: os depositos realizados no ano 1912-1913 elevaram-se a 18 764:114\$00; do movimento destes fundos resultou o lucro líquido de 648:047\$76 dos quaes ficaram pertencendo ao Estado 518:438\$21 e á Caixa, em conta de seu fundo de reserva 129:609\$55, havendo um aumento de lucros liquidos na importancia de 71:959\$36. Em resumo, é esta a conclusão que se tira da leitura dos varios mapas que acompanham o relatorio e que demonstram o crescente movimento deste estabelecimento de crédito de ano para ano.

Dicionario Universal Ilustrado. — Com a pontualidade de sempre foi já distribuido o tomo 45 desta utilissima obra dirigida pelo nosso colega Eduardo de Noronha. O presente tomo contém os vocabulos comprehendidos entre «Cesta» e «Creto», cerca de mil e quinhentos, profusamente ilustrados com todo o genero de gravuras. E' a mais completa, a mais economica e mais elucidativa das publicações desta especie.

Casa de Paris

— Rua d'Assunção, 56-LISBOA.—

Grande e variado sortimento de brinquedos, quin-quilherias e artigos proprios para brindes.

10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho ♦ Preço fixo

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Bordados **Lucerna**

direitamente da Suissa, franco de porte no domicilio.

Vestidos	Blusas
desde Fr. 11.80	desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suizo, sobre cambraia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade. Peçam a nossa colleção 163 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa

CONTRA A TOSSE

JAROPÉ PEITORAL
JAMES

Único específico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaez por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA
Cada pacote de 250 grammas. 200 réis.
Cada lata » » » 240 »
A' venda em todas as pharmacias